

**MARÍLIA GARCIA**

CABEÇA ERGUIDA, CRÊ QUE É INVISÍVEL

senta-se com os dedos atentos congelados um piscar pode liquidar a comoção da epígrafe *tem frustrações e esta é mais uma* fixada em descobrir o que sua voz não diz não sabe mais qual a distância para a outra margem o tempo sempre cortado os órgãos gemendo nos cem primeiros quilômetros do outro lado o meio sorriso a máquina verde-musgo um tictac obsessivo tenta se lembrar a cor calcular o comprimento de um mar de pequenas mortes e descobrir o que acontece quando encerra a véspera

**MARÍLIA GARCIA (1979-)**

DE VERDE SOB O RELÓGIO

parada sob a sombra do relógio de aço *o problema é que não há nenhum novo problema* pensa nos olhos gastos o perfil o sinal do braço a espera com seu ruído quando olha de lado cada um traz seu crustáceo cintilante *que fará agora corre para fora com os cabelos soltos pronto que fará depois* o contorno dos lábios com frases tiradas de um guia a voz metálica impessoal saída de um disco microsillon o primeiro encontro naquela tarde parecia que tudo acabaria *seu olhar a forma de uma cidade destruída refletia e no cidade vira de costas*

## ANGÉLICA FREITAS

R. C.

os grandes colecionadores de mantras pessoais não saberão a metade/ do que aprendi nas canções/ é verdade/ nem saberão/ descrever com tanta precisão/ aquela janela da bolha de sabão/ meu bem eu li a barsa/ eu li a britannica/ e quando sobrou tempo eu ouvi/ a sinfônica/ eu cresci/ sobrevivi/ a privada de perto/ muitas vezes eu vi/ mas a verdade é que/ quase tudo aprendi/ ouvindo as canções do rádio/ as canções do rádio/ quando meu bem nem/ a verdadeira maionese/ puder me salvar/ você sabe onde me encontrar/ e se a luz faltar/ num cantinho do meu quarto/ eu vou estar/ com um panasonic quatro pilhas AAA/ ouvindo as canções do rádio

**ANGÉLICA FREITAS (1973-)**

**EU DURMO COMIGO**

eu durmo comigo/ deitada de braços eu durmo comigo/ virada pra direita eu durmo comigo/ eu durmo comigo abraçada comigo/ não há noite tão longa em que não durma comigo/ como um trovador agarrado ao alaúde eu durmo comigo/ eu durmo comigo debaixo da noite estrelada/ eu durmo comigo enquanto os outros fazem aniversário/ eu durmo comigo às vezes de óculos/ e mesmo no escuro sei que estou dormindo comigo/ e quem quiser dormir comigo vai ter que dormir do lado.

**NUNO RAMOS (1960-)**

POEMA PLACEBO

Poema placebo, tome o lugar do outro. Diga o que deve dizer – que a vida existe. Poema placebo, seja feito de algo – a escolha é tua – e arraste tua matéria pelos olhos de quem lê; introduza essa matéria no olho, na carne do olho de quem lê. Poema placebo, onde forem todos indiferentes, desperte, com teus pés de mola, no meio deles. E voe em círculos, como um urubu persistente, sobre a cabeça deles. Espere que se distraiam e morda a matéria mole dos lábios deles, arrancando-lhes a boca para que não digam nada. Poema placebo, se continuarem concentrados, olhando a parede branca, se não se distraírem nem te derem chance, então será tua vez de dormir, metamorfoseado, disfarçado como um deles, usando sandália colorida, oferecendo o cartão de crédito. Seja a vitrine da loja e o asfalto da rua; seja a plantação de soja; seja a voz na locução no rádio e o sentimento do sublime; seja uma risada, a chuva forte, a vista da janela. Mas solte de repente o teu apito grave, como o de um navio que quer partir, tocando no porto (terás de criar o porto), alto e claro, por muito tempo, chamando.

Sem título (6)

As putas fazem ponto na porta do cemitério da Consolação. O brasiwagen chega. O brasicel freia. O brasirick canta. O brasilodge olha. O brasiliat acena. O brasivette buzina. Todos perguntam quanto.

Prosa

Um poema não se vende como música, não se vende como quadro, como canção, ninguém dá um centavo, uma fava, um poema não vive além de suas palavras, sóis às avessas, não se vende como prosa, só como história ou arremedo de poema, não se vende como ferro-velho, pedaços de mangueira de um jardim, tampobres de óleo queimado, sequer um pintassilgo, cantando no aterro de lixo ou a língua negra dos esgotos, que floresce algas, não se vende como grafite, não se vende como foto, vídeo ou filme de arte, não se vende como réplica ou post card, mau negociante de inutilidades, me tenha impregnado da praga das palavras

REGIS BONVICINO ARTE NEGOCIA.  
Um poema oficial, 2010.

**JULIANO GARCIA PESSANHA**

PRISÃO DA DISTÂNCIA

Minha solidão é a mais exata possível. Deusas estéreis regram minhas vigílias. Estou fora da trama do tempo e qualquer readmissão ficou interdita: minha eternidade é terrível e caíram as palavras. Esqueci meu nome e já não tenho mais hábitos. Detonado pra fora, ao meu redor toda luz se degrada e todo vigor se consome. Os dias incessantes arrastam apenas os outros, enquanto eu fico suspenso nesta eternidade maldita onde uma interminável morte acontece... Minha noite é sem fim. Por que não me salva a outra morte?

**JULIANO GARCIA PESSANHA (1962-)**

“QUIXOTESCA FICÇÃO VERBAL”

Durante muito tempo eu segui o homem-bêbado, e eu pretendi tornar-me o seu discípulo. Ele conhecia alternâncias metereológico-afetivas bem estratosféricas e era jogado de cima-abaxo em frações de segundos. Mil vozes discordantes falavam na sua boca e o grande panteão dos heterônimos imiscíveis lhe dava acesso às regiões mais variadas da cidade: eu o seguia por botecos e mansões, carregando sua sacola de arrepios e gemidos, e ia anotando cada nova “egoidade” surgida do sopro das metáforas...

Um dia eu descobri o equívoco chamado posse-da-palavra e o homem-álcool viu em mim um início de miséria se encorpando ao seu redor: “Parto amanhã pra Polônia ou pra Turquia! Devo fugir até um canto feito de idioma proibido. É preciso saber o que eu seria na minha pele, é preciso preparar-me para o frio de um desaparecimento.” Se bem me lembro, essas foram as últimas palavras do meu mestre; um aedo cuja exuberância era também uma fome.

**CARLITO AZEVEDO**

O ANJO BOXEADOR

O primeiro a me dar os pêsames berrou: “Quando eu não tinha esta perna mecânica eu não sonhava com balsas atravessando o rio”. O segundo a me esbofetear sussurrou: “Meus filhos sempre imaginam, quando chego em casa do trabalho na loja de malas, que eu trouxe secretamente mais um filho para casa, e passam boa parte de seu tempo livre procurando por esses irmãos que eu, por misteriosa razão, estaria protegendo de sua indiscrição e violência”. O terceiro era um cão esquartejado jogado à minha porta, com uma medonha cartolina cor-de-rosa no pescoço onde se podia ler: “Feliz aniversário”. Sem olhar para trás, pude imaginar minha mãe e meus amigos chorando escondidos, atrás da cortina.